

Comunicação e literatura: da especialização à cultura generalista

Em ensaio bastante conhecido da década 1960, o crítico e semiólogo francês Roland Barthes, preocupado em esboçar uma tipologia para os modos de apropriação da palavra, distingue os detentores da linguagem pública em duas categorias: a dos escritores e a dos escreventes. Embora trabalhem sobre o mesmo material, ou seja, a palavra, a atividade de ambos os coloca em lugares opostos. Barthes explica que, enquanto o escritor “é aquele que trabalha sua palavra (...), e absorve radicalmente o porquê do mundo num como escrever”, a ação do escrevente adquire sempre uma finalidade, seja ela testemunhal, explicativa ou didática, transformando a palavra num meio. “Eis, pois, a linguagem reduzida à natureza de um instrumento de comunicação, de um veículo do pensamento”, escreve o crítico (BARTHES, 1982:35-36).

O que gostaria de extrair do texto de Barthes é a configuração de dois modos de apropriação da palavra: a linguagem como um fim em si (como ocorre na criação literária) e como um instrumento (é o que ocorre no trabalho dos conceitos). Intransitiva no primeiro caso, transitiva no segundo, essas duas dimensões podem estar lado a lado na busca de ideias claras e distintas. Foi precisamente esta conjugação de opostos que presenciamos no XVI Colóquio Internacional da Escola Latino-americana de Comunicação, realizado de 08 a 10 de agosto último, na UNESP de Bauru.

O tema do encontro, “pensamento comunicacional latino-americano através da literatura”, foi pensado com a finalidade buscar o diálogo entre duas áreas que, por definição, estão em lugares opostos, como informava o texto de apresentação do evento:

Trazer para a academia o conhecimento produzido por atores que se expressam no âmbito da ficção e possibilitar apontamentos sobre pensadores comunicacionais também ficcionistas nos permitirá estabelecer o diálogo entre esses dois pólos tão próximos (GOBBI e VENTURA, 2012).

Mais do que diálogo, o que se viu nos três dias de Colóquio foi uma evidente demonstração da atualidade deste binômio sempre conflituoso: a comunicação e a literatura. Afinal, seria possível pensar a Comunicação por meio da Literatura, e vice-

versa? Os painéis e debates apresentados no Celacom 2012 mostraram que esses dois campos podem e devem dialogar.

Tal necessidade parece evidente quando se confronta a produção de conhecimento feita hoje nas universidades com a necessária partilha desse saber com o conjunto da sociedade. Nesse sentido, tem razão o escritor peruano Mario Vargas Llosa quando critica os rumos tomados pela especialização. Mesmo reconhecendo os avanços inevitáveis trazidos pelo conhecimento especializado (como a experimentação e o avanço da ciência e da técnica), Vargas Llosa não deixa de destacar um efeito negativo desta situação, que é a “eliminação daqueles denominadores comuns da cultura graças aos quais os homens e as mulheres podem coexistir, comunicar-se e sentir-se de algum modo solidários” (VARGAS LLOSA, 2009: 21).

Para o escritor, a especialização tem provocado uma situação preocupante de incomunicabilidade e de fragmentação do saber, a tal ponto que as comunidades fecham-se cada vez em seu esoterismo de linguagem e de códigos, gerando “guetos culturais de técnicos e especialistas”, que produzem saberes sempre parciais e setorizados. A consequência mais visível deste “estado da arte” em que se encontra o conhecimento especializado reside no abismo cada vez maior entre esta e a visão totalizadora dos fenômenos. Escreve ele:

A ciência e a técnica não podem mais cumprir aquela função cultural integradora em nosso tempo, precisamente pela infinita riqueza de conhecimentos e da rapidez de sua evolução que levou à especialização e ao uso de vocabulários herméticos (VARGAS LLOSA, 2009: 21).

Nem mesmo as humanidades, que, por sua natureza argumentativo-discursiva, sempre se preocuparam com o “como dizer”, ou seja, com o trabalho do texto, conseguiram permanecer ilesas a esta fragmentação e ao tecnicismo que são as marcas da pesquisa na atualidade. Diz o escritor que:

Nem mesmo os outros ramos das disciplinas humanistas -- como a filosofia, a psicologia, a história ou as artes – puderam preservar essa visão integradora e um discurso acessível ao profano, porque, por trás da pressão irresistível da cancerosa divisão e fragmentação do conhecimento, acabaram por sucumbir também às imposições da especialização, por isolar-se em territórios cada vez mais

segmentados e técnicos, cujas ideias e linguagens estão fora do alcance da mulher e do homem comuns (Vargas Llosa, 2009: 22).

Para Vargas Llosa, somente a literatura detém hoje essa visão totalizadora e integradora do ser humano:

A literatura, ao contrário, diferentemente da ciência e da técnica, é, foi e continuará sendo, enquanto existir, um desses denominadores comuns da experiência humana, graças ao qual os seres vivos se reconhecem e dialogam, independentemente de quão distintas sejam suas ocupações e seus desígnios vitais, as geografias, as circunstâncias em que se encontram e as conjunturas históricas que lhe determinam o horizonte (Vargas Llosa, 2009: 21).

Antes que esta “função cultural integradora”, de que fala Vargas Llosa, seja confundida com uma defesa do ecletismo na produção do conhecimento, é preciso dizer que a especialização do saber é não só necessária como inevitável diante da complexidade do mundo. Os procedimentos da ciência, em qualquer área, não podem mais prescindir deste rigor e desta setorização do saber.

Com efeito, a crítica de Vargas Llosa precisa ser compreendida no contexto de uma dimensão comunicacional que o trabalho do cientista precisaria conter e preservar. Parece-me, no entanto, irrealista pedir que o cientista faça ciência e, ao mesmo tempo, divulgue-a a um público além da comunidade científica. É evidente que temos muitos exemplos de cientistas que também falam com o grande público. Mas esse bilinguismo linguajeiro não é, nem poderá ser a regra.

Mais plausível será investir na formação de agentes intermediários para desempenhar essa tarefa. Com isso, preserva-se o rigor necessário à investigação científica e a produção do conhecimento ganha uma dimensão mediatizadora, por obra de profissionais especializados neste fazer, pois só assim poderemos ultrapassar os vícios gerados por indústrias culturais que simplificam o conhecimento para melhor transformar seus atos em espetáculos. Para retomar o binômio estabelecido por Barthes no início deste texto, nada parece tão necessário aos dias de hoje quanto a atividade conjunta de escritores (no sentido de autores) e de escreventes (no sentido de divulgadores). Dito de outro modo, há espaço para a convivência plena entre a especialização e a cultura generalista.

Referências

BARTHES, Roland. Escritores e escreventes. In: _____. **Crítica e verdade**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 31-39.

GOBBI, Maria Cristina; VENTURA, Mauro Souza. O profícuo diálogo entre comunicação e literatura. In: **Celacom 2012** – Caderno de Textos. Bauru: Celacom, 2012.

VARGAS LLOSA, Mario. É possível pensar o mundo moderno sem o romance? In: MORETTI, Franco (org). **O Romance, vol. 1: A cultura do romance**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Tradução de Denise Bottman.